

CHUVAS

Sindicato envia carta à Fenaban para abonar faltas

O presidente do Sindicato, Almir Aguiar, enviou, na última quarta-feira, dia 7, carta à Federação Nacional dos Bancos (Fenaban) reivindicando o abono das faltas causadas pelas chuvas no Rio de Janeiro.

Confira no site do Sindicato a íntegra do documento (www.bancariosrio.org.br).

TODOS MOBILIZADOS

Nesta terça-feira Rio faz protesto contra o desmonte da Caixa

Mobilização será ao meio-dia, em frente ao prédio da Almirante Barroso

O Sindicato convoca o funcionalismo da Caixa Econômica Federal para participar do protesto desta terça-feira contra o desmonte da empresa implantado por sua diretoria desde o fim de março. Da manifestação, ao meio-dia em frente ao prédio da Barroso, devem participar todos os empregados para deixar patente o repúdio às medidas como a extinção de setores, transferências e ameaças de centenas de descomissionamentos, entre outras. Além da luta política, o Sindicato está estudando medidas judiciais contra a “reestruturação”.

O funcionalismo deve comparecer em peso, também, para deixar claro que não tem medo da diretoria da Caixa, que, através da circular interna 025/10 (CI), determinou que os gestores descontem as horas e os minutos da paralisação do dia 26 de março, na Barroso, numa tentativa desesperada de intimidar a luta dos empregados contra o desmonte. A ordem do desconto é da presidente da empresa, Maria Fernanda. A CI foi assinada pela gerente nacional Geret, Márcia Guedes, e pelo superintendente nacional da Suape, Carlos Magno.

“Este é mais um motivo para comparecermos em peso ao ato da Barroso. Não vamos nos curvar. Não temos medo de atitudes de intimidação vindas



Cartaz da campanha dos bancários contra o desmonte da Caixa. Somente a mobilização dos bancários poderá impedir os ataques da direção da empresa contra os trabalhadores

da direção da Caixa, que é composta, inclusive, por ex-dirigentes sindicais que estão renegando a sua própria trajetória política, como Maria Fernanda, Carlos Magno (Carlão) e Carlos Borges, ex-presidente da Fenae, entre outros”.

atos públicos em frente a prédios e grandes agências em São Paulo, Brasília, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Goiás, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso, Piauí, Acre, Alagoas, Paraíba e Campos, entre outros.

afirmou o diretor do Sindicato Paulo Matileti. Em função desta pressão da Caixa, há gestores querendo ser mais realistas do que o rei, pressionando os empregados a compensar a ausência de terça-feira, apesar da orientação das autoridades (governador e prefeito) para que a população não saísse de casa.

DIA NACIONAL DE LUTA

As mobilizações desta terça-feira deveriam ter acontecido na última quarta-feira, como parte do Dia Nacional de Luta. Mas acabaram adiadas em função das dificuldades causadas pelas fortes chuvas que caem desde a segunda-feira passada em todo o estado.

Apesar da não participação do Rio, o Dia Nacional de Luta foi muito forte em todo o país. Aconteceram mobilizações em todos os demais estados, demonstrando a revolta com a diretoria da Caixa. Houve

FALA, PRESIDENTE!

A hora da solidariedade

Rio e Niterói viveram, após as chuvas da última terça-feira (6), uma das maiores tragédias dos últimos anos. Em Petrópolis também houve mortes. O Sindicato se solidariza com todas as famílias vítimas das chuvas e a todos que viveram esse drama que comove todos nós. Não adianta culpar a natureza, as chuvas. O poder público (prefeituras e principalmente o governo do estado) foi omissivo, incapaz de implementar um plano de prevenção aos efeitos de fenômenos naturais que há décadas atingem o Rio de Janeiro. São “as águas de março (que este ano vieram em abril) fechando o verão”, que viraram até música, tamanho o conhecimento público. Por que o governo do estado não fez um plano de habitação popular de grandes proporções para retirar todas as famílias das áreas de risco? Por que não realizaram obras de prevenção de uma tragédia anunciada, anual, com maiores ou menores proporções, mas sempre causadora de mortes? Por que depender apenas das obras do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) do governo federal? Será que em quatro anos não deu para realizar nenhum projeto relevante para impedir a dor de famílias que, por não terem aonde morar, ocupam os morros das cidades, inclusive em áreas de risco e de proteção ambiental?

Ao governo estadual, nossa indignação. Aos moradores das áreas atingidas, nossa solidariedade.

Almir Aguiar
Presidente do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro

E agora, governador?

Após quatro anos à frente do governo, Sérgio Cabral não preparou o estado para o velho problema das chuvas

Centenas de pessoas mortas. Até o fechamento desta edição (8/4), eram 161, sendo 89 de Niterói e 52 do Rio. Mas o número poderá ser muito maior. Somente no Morro do Bumba, em Niterói, o número de pessoas soterradas pode chegar a 200. A imprensa não divulgou o fato, mas, na quarta-feira (7), o prefeito Jorge Roberto da Silveira (PDT) esteve no local para acompanhar o socorro às vítimas. Já com Eduardo Paes o tratamento dado pela imprensa é outro. O prefeito do Rio, com ampla cobertura da mídia, anunciou um “plano de remoção” das pessoas que vivem em áreas de risco.

Mas por que as soluções aparecem sempre depois das tragédias?

CALAMIDADE PÚBLICA

Na verdade, as prefeituras têm a sua parcela de culpa, embora as atuais gestões estejam apenas há um ano no governo. Mas quem tem de dar a maior satisfação ao povo carioca e fluminense é o governador Sérgio Cabral (PMDB). Passou quatro anos no governo e nada fez para impedir as tragédias. Na de Angra dos Reis, em



OMISSÃO, DESCASO OU INCOMPETÊNCIA? - *Após quatro anos de governo, Sérgio Cabral não conseguiu dar respostas que a população esperava das políticas de prevenção às chuvas. No Morro do Bumba, em Niterói, pode haver 200 pessoas soterradas*

janeiro, um decreto seu permitiu construções de luxo em áreas de proteção ambiental. No Rio e em Niterói, a Defesa Civil, sucateada, não impediu o crescimento das invasões em áreas de risco. Como em São Paulo, em que José Serra (PSDB)



fracassou na política de prevenção à queda de barreiras e jamais apresentou uma política habitacional, no Rio, Cabral também foi um fiasco.

O governo carioca é uma “calamidade pública”. A resposta do povo precisa vir nas urnas.

VOLTA AO TRABALHO

Juiz manda Bradesco reintegrar na Barra

O bancário Elisson da Motta Ribeiro foi admitido no Bradesco, na Barra da Tijuca, em 10 de janeiro de 1990. Quinze anos depois, já tendo contraído lesões por esforços repetitivos (LER/Dort), o funcionário foi demitido, em 19 de abril de 2005.

Elisson solicitou o apoio do Sindicato, recebendo orientação do Departamento Jurídico e da Secretaria de Saúde do Trabalhador.

Na segunda-feira (5), o juiz substituto Robert de Assunção Aguiar, da 57ª Vara do Trabalho do Rio de Janeiro deu ganho de causa a Elisson, mandando o Bradesco reintegrá-lo.

O bancário foi assistido pelos diretores do Sindicato Everaldo Dantas, da Secretaria de Saúde, e Sandra Cipriani, do Departamento Jurídico. “Quando o bancário é demitido, seu primeiro passo deve ser procurar o Sindicato para receber orientações sobre seus direitos”, recomenda Sandra.



Elisson da Motta, do Bradesco, entre os diretores do Sindicato Sandra Cipriani e Everaldo Dantas, comemora sua reintegração

Everaldo Dantas concorda e acrescenta que “a Secretaria de Saúde tem orientado bancários portadores de doenças do trabalho e

demitidos indevidamente, em sua luta judicial tanto pela reintegração, quanto para o afastamento para tratamento de saúde”, disse.

Chuvas prejudicam circulação do ‘Jornal Bancário’



O *Jornal Bancário* não circulou na quinta-feira, dia 8, por causa das chuvas.

Nosso jornal circula duas vezes por semana com uma tiragem de 20 mil exemplares, entregues por uma equipe de funcionários do próprio Sindicato. A edição de segunda-feira que circularia terça e quarta-feira só foi distribuída na quarta (7), mesmo assim de forma precária.